

Polícia Civil e Uma Estratégia De Comunicação: Como o Traficante Mais Procurado do Rio Grande do Sul Foi Preso Pelo Facebook¹

Cristiane Weber²

Ernani Cesar de Freitas³

Universidade Feevale

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a construção de diálogo elaborada pela polícia civil gaúcha para a prisão de um traficante, aliando estratégia discursiva à rede social *Facebook*. Por alguns meses, os policiais conversaram com um criminoso via bate-papo da rede social, através de um perfil falso feito para convencê-lo de que se tratava de uma mulher interessada em conhecê-lo. Esta pesquisa tem como corpora o diálogo cedido pela polícia civil e uma entrevista com o investigador responsável pela ação, com uma análise discursiva do conteúdo comunicacional. A pesquisa é do tipo exploratória, utilizando-se como método o estudo de caso. A análise é feita com base no contrato de comunicação de Charaudeau (2012). Conclui-se que a estratégia discursiva, da maneira como foi elaborada, abriu um precedente do uso eficaz das redes sociais ao cumprimento da lei.

Palavras-Chave: comunicação; discurso; facebook, prisão; redes sociais.

INTRODUÇÃO

A polícia civil faz uso, há muitos anos, de técnicas investigativas para capturar delinquentes das mais diversas naturezas criminais. Como práticas mais comuns para chegar à identificação dos autores destes crimes, estão as de escuta telefônica, observação de cotidiano e acompanhamento de testemunhas no intuito de efetuar prisões. Entre os crimes mais cometidos e investigados no estado do Rio Grande do Sul está o de tráfico de entorpecentes. De acordo com o relatório mais recente do Departamento de Dados

¹Trabalho apresentado no GP Políticas e Estratégias de Comunicação, Eixo Temático Comunicação e conflitos urbanos do século XXI, no XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa da Intercom, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil; e-mail: crisjornalistas@gmail.com

³ Professor Pós-Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem; Doutor em Letras, área de concentração Linguística Aplicada. Docente permanente do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais na Universidade Feevale – Novo Hamburgo, RS, Brasil; e-mail: ernanic@feevale.br.

Estatísticos⁴ da Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul, até março de 2014 foram cometidos 5.070 crimes ligados ao tráfico ou à posse de entorpecentes em território gaúcho.

Relatório semelhante, porém focado nas práticas criminosas por município, aponta que a cidade de Alvorada, na região metropolitana de Porto Alegre, figura em quinto lugar no quesito posse e tráfico de entorpecentes. Até março de 2014, foram 53 ocorrências. E foi nesta cidade que, em abril do corrente ano, estava foragido o traficante Cristiano dos Santos Gonçalves, 22 anos, de apelido *Fumaça*. Após várias tentativas frustradas de prisão em uma procura que já durava seis meses, um dos investigadores da polícia civil da cidade teve a ideia de utilizar a rede social *Facebook* para capturar o bandido, que mantinha um perfil na página sob o apelido *Bianinho GS*.

Com o objetivo de prender o traficante, os investigadores da primeira delegacia de Alvorada (RS) criaram um perfil fictício chamado Lúcia Gomes: uma mulher loira, de boa aparência, com idade mencionada de 24 anos. Mas uma mulher intelectual e de vocabulário apurado poderia frustrar a operação: que interesse teria esta pessoa em conversar com o traficante, que é semianalfabeto e escreve as palavras de forma incorreta? A constatação de que seria necessário adotar uma linguagem semelhante deu-se após uma primeira observação das publicações do criminoso na rede social.

De acordo com o investigador⁵ responsável, fez-se uma observação das postagens recentes na linha do tempo da página do *Facebook* do investigado. Foram constatados diversos erros de ortografia, com algumas frases que ostentavam o poder e o tom de ameaça aplicado pelo traficante. Com o perfil já traçado através dos indícios cedidos pelas próprias publicações, a investigação iniciou a interação entre o perfil falso e o bandido, para enganá-lo e provocar o interesse para um encontro.

A partir deste caso, o artigo tem como tema a prática de estratégia da polícia civil no caso da prisão deste traficante, tendo como delimitação a conversa realizada entre a personagem fictícia e o criminoso. O estudo se dá no contexto discursivo estratégico, pela forma que a polícia encontrou para prendê-lo: criando a personagem para seduzi-lo e provocar um encontro para a captura do traficante, elencando esta estratégia à comunicação

⁴ Relatório atualizado periodicamente pelo departamento de Gestão da Estratégia Operacional – Divisão de Estatística Criminal da Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.ssp.rs.gov.br/?model=conteudo&menu=300&id=20422>>. Acesso em: 22 maio 2014.

⁵ Nota da autora: a pedido do investigador responsável pela delegacia de polícia mencionada, o nome dos envolvidos na prisão são mantidos em sigilo neste artigo, a fim de resguardar a segurança e a integridade física dos mesmos.

via *web*. Acredita-se que a exposição do caso em artigo acadêmico contribua para o entendimento da eficácia de tal estratégia para o cumprimento da lei, não apenas utilizando-se um discurso pensado pela lógica de um contrato de comunicação entre o *eu* e o *outro* (CHARAUDEAU, 2012), mas pela associação desta estratégia ao uso disseminado das redes sociais. Partindo-se dessa questão de pesquisa, este artigo tem como objetivo analisar como a estratégia discursiva da polícia durante as conversas com o traficante foi fundamental para o êxito da operação que culminou na prisão de *Fumaça*.

Com base nas observações sobre o curso da investigação e as interações comunicativas - o discurso realizado - este artigo propõe-se a comprovar a hipótese de que a estratégia discursiva baseada nos conceitos de comunicação de Charaudeau (2013) proporcionou êxito à prisão, no que tange os rastros discursivos; bem como houve o uso de um vocabulário que atendeu à condição de finalidade baseada nos conceitos de visadas *prescritivas, incitativas e phátos* de Charaudeau (2012).

A metodologia utilizada é a estudo de caso, que faz uso das evidências de documentação e de entrevista para analisar os corpora. Demais autores da análise do discurso, como Bahktin (2000), serão utilizados para analisar trechos da conversa da personagem Lúcia Gomes e o traficante, material cedido pela polícia civil do município de Alvorada.

1 OLHARES TEÓRICOS PARA A ANÁLISE DO DISCURSO

Uma frase – dita pessoalmente, pela televisão, escrita em um livro ou proferida no ambiente *online* - pode contar poucas ou muitas palavras, marcadas por uma construção gramatical comum. Porém, seus significados podem ser imensuráveis, já que essa mesma frase pode estar carregada de situações contextuais diferentes.

No presente artigo, o principal objetivo é investigar a natureza discursiva adotada pela polícia civil para prender o traficante *Fumaça*, em uma análise dos processos comunicacionais. Assim, surge o conceito de “comunicar”, que se trata de “um dispositivo cujo centro é ocupado pelo sujeito falante (o locutor, ao falar ou escrever), em relação com outro parceiro (o interlocutor) (CHARAUDEAU, 2008, p. 67)”. No ramo da comunicação, de forma geral, segundo Charaudeau (2012), todo discurso depende, para a construção do interesse social, das condições específicas de troca nos quais ele surge, com a situação de comunicação surgindo como um quadro de referência, no qual se reportam indivíduos de

uma determinada comunidade social, que iniciam um processo de comunicação. A partir desse quadro, surgem as atribuições de valor aos atos de linguagem, o teor de cada fala.

Charaudeau (2012, p. 67) ressalta que

A situação de comunicação é como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui o seu valor simbólico. Como se estabelecem tais restrições? Por um jogo de regulação das práticas sociais, instauradas pelos indivíduos que tentam viver em comunidade e pelos discursos de representação.

Por conseguinte, ressalta Charaudeau (2012), os indivíduos que querem comunicar entre si devem levar em conta os dados da situação de comunicação. O mesmo acontece a um locutor de um texto, que deve supor que seu leitor tem noção das mesmas restrições. Esse acordo é denominado por Charaudeau (2012) de *contrato de comunicação*.

Segundo Charaudeau (2008), ao comunicar, as personagens envolvidas se atribuem uma identidade propriamente languageira que não tem a mesma natureza da sua identidade psicossocial. O autor explica que, embora essas duas instâncias se confundam no processo de fala, é necessário distingui-las para se compreender como se configura aquilo que está em jogo no ato de comunicação (CHARAUDEAU, 2008).

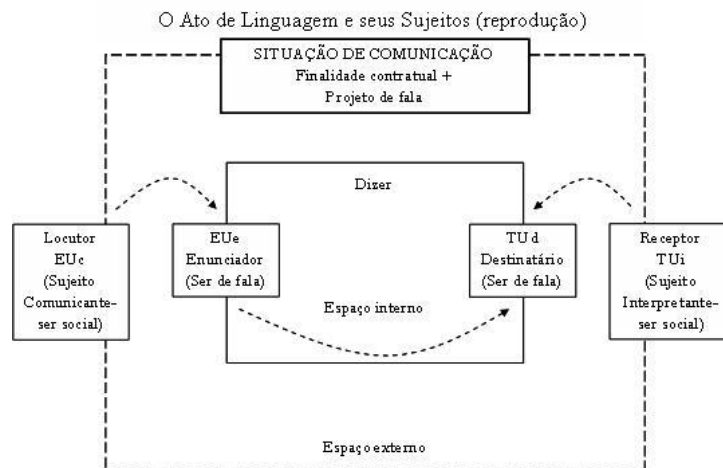
Essa distinção, de acordo com este autor, começa com os *parceiros* do ato de linguagem, seres sociais e com perfis psicológicos distintos, externos ao ato, mas inscritos nele, e que são definidos por traços identitários, cuja pertinência depende do ato de comunicação considerado. Um desses parceiros é o *locutor-emissor*, que produz o ato de comunicação (o sujeito-comunicante), o outro é o *interlocutor-receptor*, que recebe o discurso do locutor, o interpreta e reage por seu turno (o sujeito interpretante). Já os protagonistas, segundo Charaudeau (2008), são seres da fala, internos ao ato da linguagem e são definidos pelos papéis languageiros.

A esse respeito, Charaudeau (2008, p. 76), comenta que “um desses protagonistas é o enunciador, que realiza esses papéis languageiros, intervindo ou apagando-se no discurso; o outro é o destinatário, a quem o locutor atribui um lugar determinado, no interior do seu discurso”.

Nessa relação, explica Charaudeau (2008), é importante frisar que não existe o mesmo tipo de relação entre destinatário e interlocutor de um lado, e enunciador e locutor do outro. O destinatário depende do locutor (é pelo lugar que este lhe confere que ele

existe), enquanto o interlocutor que interpreta só depende de si mesmo. Essa construção de sentido pode ser configurada conforme consta na Figura 1:

Figura 1 - Representação do dispositivo de encenação de linguagem



Fonte: pela autora; plataforma de busca *Google Images* em 01º de maio de 2014

Para compreender a Figura 1, a fim de aplicarmos as atribuições desse sistema comunicacional proposto por Charaudeau (2008), vamos considerar o exemplo abaixo, em uma conversa hipotética entre ambos:

Fumaça: sou traficante.

Lúcia: mas que beleza!

Para que esse enunciado, dito para o traficante a fim de convencê-lo que Lúcia aprova sua condição criminosa, fosse compreendido como uma aprovação e não como uma ironia ou reprovação é necessário que:

- a) o locutor-emissor (na figura representado pela sigla EUc – Eu Comunicador - sujeito comunicante social, Lúcia) pense: julgamento negativo, mas há a necessidade de convencê-lo de que aprovo a situação. Assim, ela formula a frase e aplica baseada na intenção de fingir esta aprovação ao traficante;
- b) o enunciador (na figura representado pela sigla EUe – Eu Enunciador - ser da fala) diga: julgamento positivo. A frase *Mas que beleza!*, em sua estrutura, no contexto de conversas íntimas entre ambos, possui elementos de elogio e de concordância;
- c) o destinatário (na figura representado pela sigla TUd – Tu Destinatário - ser da fala, *Fumaça*, o traficante), compreenda, graças a um indício fornecido por

Lúcia nas conversas anteriores, que por trás do dito haja um positivo e de aceitação, sem gerar suspeitas.

- d) o interlocutor-receptor (na figura representado pela sigla TUi – Tu Interpretativo - sujeito interpretante social, *Fumaça*) esteja em condições de perceber esse indício. Ele já teria a intimidade necessária com Lúcia, que já lhe apresentou uma aceitação do fato, ainda que falsa;

Assim, temos o entendimento do quão complexo é o sistema comunicacional e de como ocorre o contrato de comunicação nessa situação. Nesse contexto, segundo Charaudeau (2008), o locutor, nesse caso Lúcia, precisa adotar uma estratégia: deve pensar em como vai dizer a frase *Mas que beleza!* levando em conta o que percebe das reações do traficante/ o que ela imagina que o criminoso perceba ou espere dela, já que se trata de uma mulher interessada em conhecê-lo/ do saber/intimidade que ela (locutor) e o interlocutor têm em comum, ou seja, na capacidade limitada do traficante em reconhecer as verdadeiras intenções da personagem/ e dos papéis que ambos devem desempenhar com seus papéis ativos na conversa.

Neste caso, assim como nos demais ocorridos via internet, o contexto tem papel fundamental. Não raramente, uma troca de e-mails pode gerar uma confusão de interpretação: os parceiros da troca comunicacional não estão presentes, não há tom de voz, feições, nada que possa colaborar com a interpretação do interlocutor. Por isso, é preciso que haja uma relação externa capaz de sustentar as intenções do diálogo. O contato físico, neste caso, poderia não só frustrar a operação como colocar a polícia em risco. Por isso, a conversa via ferramenta de bate-papo contribuiu para este êxito, possibilitando enunciados que foram estrategicamente criados para uma aproximação *com Fumaça*.

Autores como Bakhtin (2000) afirmam que o discurso leva em conta um conjunto de elementos que irá produzir significados diversos. Portanto, é necessário que haja uma compreensão do enunciado fundamentalmente ligado a uma rede de percepções do destinatário.

Segundo Bakhtin (2000, p. 321),

Enquanto falo, sempre levo em conta o fundo aperceptivo sobre o qual minha fala será recebida pelo destinatário: o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada área de comunicação cultural, suas opiniões e convicções, seus preconceitos (do meu ponto de vista), suas antipatias e antipatias, etc., pois é isso que condicionará sua compreensão responsiva ao meu enunciado.

Além desta complexidade já exposta, Charaudeau (2012) define um dos dispositivos que compõem o contrato de comunicação, denominado *condição de finalidade*. Este autor explica que essa é a condição que requer que todo ato de linguagem seja produzido com um objetivo. Ela se define pela expectativa de sentido em que se baseia a troca, respondendo à pergunta “estamos aqui para dizer o quê?”. A resposta a essa questão, numa problemática de influência, segundo o autor, (2012, p.69) se dá em termos de *visadas*, “pois na comunicação linguageira o objetivo é, da parte de cada um, fazer com que o outro seja incorporado a sua própria intencionalidade” (CHARAUDEAU, 2012, p. 69).

Cabe destacar neste artigo que, sobre as visadas, que segundo Charaudeau (2012) podem ser combinadas entre si, há três especialmente aplicáveis ao caso mencionado nesta pesquisa: visada prescritiva (*fazer fazer*, levar o outro a agir de uma determinada maneira), visada incitativa (fazer crer, ou seja, convencer, levar o outro a acreditar que o que está sendo dito é verdadeiro) e visada *phátos* (fazer sentir, provocar no outro um estado emocional agradável ou desagradável).

A *condição de dispositivo* também pode ser analisada no caso *Fumaça*. Isso por que diz respeito ao fato de o discurso se construir de uma maneira particular, segundo as circunstâncias materiais em que se desenvolve. Esse se define pelas respostas a três perguntas: em que ambiente se inscreve o ato de comunicação? Que lugares físicos são ocupados pelos parceiros? Que canal de transmissão é utilizado? Charaudeau (2012) chama a atenção para o fato de que o dispositivo constitui o quadro topológico da troca, que é mais ou menos manifesto, mais ou menos organizado. Para Charaudeau (2012, p. 70), “o dispositivo é o que determina variantes de realização no interior de um mesmo contrato de comunicação”.

Do ponto de vista estratégico, o dispositivo de troca entre a personagem e o traficante foi constituído no ambiente *web*, que permite o anonimato e foi fundamental para a sequência do diálogo entre o criminoso e a personagem fictícia. Mais do que isso, se deu em uma ferramenta que permite a realização de conversas entre as pessoas sem a necessidade da presença física, o que tornou possível uma aproximação.

2 DISPOSITIVOS COMUNICACIONAIS: A INTERNET COM UM DISCURSO PRÓPRIO

As técnicas cada vez mais sofisticadas de gravação e de transporte de informações têm modificado os dispositivos de comunicação e, portanto, o estatuto dos enunciados verbais. O mundo contemporâneo é marcado, atualmente, pelo surgimento de novas fórmulas de oralidade que diferem totalmente da oralidade tradicional. Uma destas formas, cada vez mais utilizada, é a rede social Facebook e seus mecanismos de interação. Conforme Santaella (2010, p. 81), a característica principal dessas redes de incessante interação humana “está na dinamicidade e na emergência, adaptação e auto-organização características dos sistemas complexos e que se expressam, no caso, em comportamentos coletivos descentralizados”.

Esta autora também ressalta que, com uma tipologia diferenciada, cada plataforma de rede social apresenta potenciais que lhe são próprios, possibilitando a construção de identidades e intersubtividades mediadas por sistemas computacionais (SANTAELLA, 2010). A “febre” dos chats⁶, por exemplo, amparados pelo anonimato, possibilitou a criação de diversas identidades por um mesmo indivíduo: sempre foi possível termos idades, profissões, e até gênero diferentes online. Essa capacidade de omitir a verdade sobre sua identidade foi essencial para que a personagem Lúcia pudesse dar continuidade ao diálogo com o traficante, sem gerar suspeitas.

E é através dessa emergência, desse fugaz acesso às redes, que os discursos também sofreram modificações importantes por esse novo dispositivo. Segundo Galli (2002), o final do século 20 ficou marcado pela aceleração do processo de globalização, derrubando fronteiras nos vários campos do universo cultural, social e histórico. A globalização, como

⁶ Nota da autora: chats são salas de bate-papo que, através de filtros como idade, sexo e cidade, promovem conversas anônimas entre usuários, que podem ter apelidos diferentes para conversas diferentes.

um processo de descontinuidade, ruptura, fragmentação e deslocamento (HALL, 2006), manifesta uma tendência de divulgação rápida de informações, tanto na área social como técnica. Além disso, conforme Galli (2002, p. 2), “temos a tecnologia, que é responsável pelo avanço em todas as áreas de conhecimento, com uma contribuição em melhorias à qualidade do serviço”.

Com isso, a globalização está vinculada à tecnologia no que diz respeito ao acesso da informação. Hoje, um jovem que mora no Rio Grande do Sul pode comprar drogas via internet com extrema facilidade, por exemplo. Pode também se conectar a outro jovem que mora na Austrália, de forma rápida e eficiente, porém, essa comunicação é permeada por um marco lexical próprio, que faz com que os usuários interajam sem grandes dificuldades, mesmo que falem idiomas diferentes.

Segundo Galli (2002, p. 2),

O desenvolvimento e a utilização da internet acabaram produzindo, entre os usuários, uma linguagem própria, repleta de termos típicos, ou seja, todo o usuário, de uma forma ou de outra, acaba compreendendo o conjunto da rede e os termos que determinam seu conteúdo e funcionamento. As expressões, no campo da lexicologia e da terminologia, ultrapassam o contexto cibernético e representam um fator concreto da globalização.

A comunicação virtual, assim, de acordo com Galli (2002), traz um conceito de informação descentralizada, marcada pelo *poder de comunicar*. Todo computador ou todo telefone celular com característica de *smartphone*, se conectado à internet, pode transmitir palavras, sons, vídeos, documentos, nas mais variadas distâncias espaciais, como se estivessem ao nosso lado.

3 METODOLOGIA

Para chegar à conclusão de que houve uma estratégia discursiva fundamentada nos enfoques teóricos apresentados neste artigo, utilizamos o tipo de pesquisa estudo de caso. Conforme Yin (2010, p. 24), “o estudo de caso é usado em muitas situações, para contribuir ao nosso conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticos e relacionados”. A respeito desse tipo de pesquisa, quanto aos procedimentos técnicos, Prodanov e Freitas (2013, p. 60) argumentam que

O estudo de caso consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa. É um tipo de pesquisa qualitativa e/ou quantitativa, entendido como uma categoria de investigação que tem como objeto o estudo de uma unidade de forma aprofundada, podendo tratar-se de um sujeito, de um grupo de pessoas, de uma comunidade etc.

O estudo de caso no presente estudo se dá pela imbricação de diversos ângulos atrelados ao caso. Serão cruzadas as práticas do ambiente Facebook, ou seja, da possibilidade de interação instantânea sem a presença física, ampliadas pela identificação discursiva da conversa praticada entre ambos. Chegar à resposta do problema de pesquisa, de explicar como a prática discursiva possibilitou a prisão de Fumaça, requer o levantamento de duas das evidências apontadas por Yin (2010), como fundamentais na análise. Um corresponde à evidência de documentação, que neste artigo corresponde ao documento com a conversa na íntegra entre traficante e o policial. De acordo com Yin (2010), os documentos são úteis na corroboração e aumento de evidência de outras fontes.

A segunda evidência é a de entrevista, uma vez que o investigador responsável pela ação foi entrevistado pelos pesquisadores sobre o caso. As entrevistas compõem uma parte relevante do estudo de caso, sendo fontes essenciais de informação (YIN, 2010).

4 A CONVERSA QUE MATERIALIZOU *FUMAÇA* À POLÍCIA GAÚCHA

Convencer um traficante procurado pela polícia a comparecer a um encontro amoroso, sem gerar suspeitas. Uma missão cumprida após um trabalho intenso de troca de informações com *Fumaça* e a personagem Lúcia Gomes. Mas a criação de tal ficção e o desenrolar de seu discurso na rede social demandaram o trabalho discursivo estratégico da polícia, em trechos sintetizados a seguir. Optou-se por elencar os diálogos mais importantes da íntegra da conversa cedida pela polícia civil, bem como as principais respostas do investigador à entrevista destes pesquisadores.

Este investigador afirma que o *Facebook* é considerado pela polícia uma *fonte aberta*, onde se incluem diversas redes sociais em que criminosos possuem um perfil. Segundo o investigador, “é comum que estas pessoas possuam perfis e postem fotos, mensagens e recados para seus conhecidos, bem como ostentem fotos de drogas, dinheiro e armas de fogo. O exibicionismo parece ser uma característica comum em criminosos”. Foi assim que, ao rastrear parentes amigos de *Fumaça*, a polícia chegou ao perfil *Bianinho GS*.

A partir desta identificação, se iniciaram as conversas entre Lúcia e *Fumaça*. Após adicioná-lo em sua rede de contatos, sem qualquer aproximação anterior, *Fumaça* a aceitou como amiga. A foto utilizada pela polícia, que se trata da primeira imagem vista pelo traficante, é a de uma modelo escandinava. A imagem foi obtida por banco gratuito de fotos na internet.

Antes de iniciar o diálogo após o aceite, o investigador revela que observou a comunicação do traficante com outras pessoas de sua rede de contatos, memorizando a linguagem denominada como *linguagem do funk*. Isso por que os termos utilizados por ele estão presentes em letras compostas por artistas de raiz do funk carioca. Alguns exemplos: *recalque*, para indicar pessoas que supostamente tem algum tipo de inveja; e *novinha*, referindo-se a garotas jovens que participam destes grupos. A identificação da personagem também não foi uma coincidência: Lúcia é o mesmo nome da mãe de *Fumaça*, o que, de acordo com o investigador, facilitou a aceitação do perfil falso, por se tratar de um nome que remetia a um vínculo afetivo do criminoso.

A partir da observação inicial, o investigador passou a utilizar as palavras desta linguagem e, ainda que se tratasse de palavras com erros de ortografia, as mesmas foram utilizadas para o convencimento de que se tratava de alguém interessada em conhecê-lo. O diálogo a seguir foi retirado da conversa⁷ cedida na íntegra pela polícia civil e é datado de 9 de março de 2014.

Lúcia: Tu mora a ondi pessoa, eu moro agora na stela maris, sabe ondi é?me mudei pra ca faiz pouco tempu.

Fumaça: Eu sei ondi é eu moro aki na quarenta nu galpao.

De acordo com o investigador, sempre houve a preocupação de não escrever as frases de maneira correta. Por isso, foram evitados acertos gramaticais, bem como concordâncias nominais e verbais.

Neste outro trecho da conversa, Lúcia questiona *Fumaça* sobre sua profissão.

Lúcia: tu trabalha?

Fumaça: So trafikanti kkkkkkkk.

Lúcia: devi ta rico entaum rrsrs.

Fumaça: Nao to ainda ... mas vai fica rrsrsrsr, as vezes eu fumo um,mais so di boa.

⁷ Nota dos autores: os erros de ortografia foram mantidos tal como na conversa, reproduzida neste artigo em modo *ipsis litteris*, por meio do documento cedido pela polícia civil a estes pesquisadores.

Aqui é possível identificar a teoria de Bakhtin (2000) sobre a ação responsiva a um enunciado estar baseada nas características culturais do interlocutor: o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada área de comunicação cultural, suas opiniões e convicções, seus preconceitos. A fala de Lúcia foi intencional a convencer *Fumaça* de que ele ganharia muito dinheiro com a profissão de traficante, o que a ela parecia atraente. Segundo o investigador, o perfil do traficante é adequado a este universo funk utilizado como referência para a criação da personagem.

De acordo com o policial,

É comum que letras do funk façam apologia ao crime, ao uso de drogas, a matar policiais, ao envolvimento sexual com mulheres muito jovens, a ostentação de bens de consumo. Há um substrato narcisista muito forte no ambiente funk. Ele gostava de se apresentar como traficante. Entendia que isso o exaltava de alguma forma, como se com isso causasse medo e admiração. E de fato, nas postagens de seus amigos ficava claro que era isso que acontecia de fato, ao menos no meio dele.

A conversa de Lúcia com o traficante, que ocorreu quase todos os dias por um mês, sempre teve como principal intenção a prisão do criminoso. Por isso, a estratégia discursiva utilizada no processo comunicacional entre ambos era a de convencer *Fumaça* de que o interesse era verdadeiro e de que ambos deveriam se encontrar, para se conhecerem melhor. Como menciona Galli (2002), o desenvolvimento da internet acabou produzindo uma linguagem própria, repleta de termos típicos que são comuns entre os usuários. Neste trecho da conversa, Lúcia convida *Fumaça* para um encontro e ambos combinam em um ponto de encontro conhecido na cidade de Viamão, em um bairro chamado Algarve.

Fumaça: vem depois umas sete horaas vo manda um taxi ti pega...

Lúcia: mais um algarve é muito grandí... não sei ondi u taxi vai mi leva, só confiu im você.

Inicialmente, a ideia de *Fumaça*, relatada a Lúcia em outro trecho, era de pegá-la com uma moto para que ambos fossem a outro lugar. Como a ida de moto poderia facilitar a fuga do criminoso, Lúcia afirmou a *Fumaça* que tinha medo de subir em uma moto. Assim, como mostra o trecho destacado acima, o traficante sugeriu que Lúcia fosse levada para outro lugar em transporte com um táxi. Porém, isso também frustraria a prisão, já que o criminoso não estaria no local combinado.

Assim, Lúcia utilizou o que Charaudeau (2012) denomina como visadas da condição de finalidade de um enunciado, que determina *Estou aqui para dizer o quê?*. Estas visadas

correspondem à visada prescritiva, que significa o *fazer fazer*, levar o outro a agir de uma determinada maneira, o que neste caso significa a intenção de que Fumaça fosse pessoalmente ao local, após a restrição do táxi e da moto; e à visada incitativa, que significa fazer crer, ou seja, convencer, levar o outro a acreditar que o que está sendo dito é verdadeiro, neste caso aplicada ao fato de que Lúcia convenceu Fumaça de que seus receios eram verdadeiros.

As conversas, com tom estabelecido de amabilidade e curiosidade, se enquadram na teoria de Charaudeau (2012) sobre a estrutura do contrato de comunicação. Isso por que, a cada frase dita, Lúcia previa a resposta do traficante, ou era forçada a responder de alguma forma que o convencesse a chegar pessoalmente ao encontro. Todos os seus enunciados eram carregados de sentido oposto ao real: Lúcia (que na verdade se tratava de um policial) não admirava a profissão de traficante, nem tão pouco gostaria de um encontro com *Fumaça*.

Mas todas as palavras ditas eram cuidadosamente pensadas para este convencimento. Os papéis languageiros ficaram bem definidos: de um lado, Lúcia, a mulher atraente, *locutora-emissora*, que produziu o ato de comunicação com seus enunciados bem articulados; e do outro, *Fumaça*, o traficante, *interlocutor-receptor*, que recebeu todo o discurso forjado da locutora, o interpretou e reagiu da forma esperada pela polícia, através dos sentidos construídos pela intimidade consolidada entre ambos.

E foi por esta cumplicidade construída ao longo dos diálogos que *Fumaça* foi convencido a se encontrar com Lúcia no dia 20 de março de 2014, após a conversa destacada no trecho abaixo, quando Lúcia havia sugerido que ele fosse até sua casa em Viamão.

Fumaça: vamo pro motel troka uma ideia.. Kk.

Lúcia: só si tu paga rsrsrsrsr... porque paga motel eu naum pago

Fumaça: Eu pago tana Mao.

Lúcia: hummmmm.

Fumaça: Mais depois nao vote como ti larga im casa

Lúcia: Tana Mao. que hora entaum i onde?

Fumaça: pode se no patio do big. o ali dentro. Ti pego ai .nu bg sete e meia

Após marcar o horário, o traficante foi até o ponto de encontro, o Hipermercado Big, citado na conversa, e foi surpreendido pela polícia civil, que possuía um mandado de prisão em seu nome. Encerrava-se ali a estratégia de investigação para prender o homem

que, de acordo com a polícia, além de praticar tráfico de entorpecentes, possui um histórico criminal como homicida.

Todo este discurso fez com que a *visada phátos*, ou seja, a de fazer sentir, um conceito de Charaudeau (2012) se aplicasse a este caso: o tom da conversa, a fala, as palavras utilizadas, as respostas, tudo o que envolveu o diálogo entre ambos, provocaram no traficante a sensação de paixão e interesse na mulher, que foi estrategicamente elaborada justamente para o desagrado de *Fumaça*.

Além disso, a subjetividade e as identidades propiciadas pelo anonimato deste dispositivo (internet), mencionadas por Santaella (2010) proporcionaram uma conversa eficiente para o propósito da polícia, que era o de prender o traficante antes que o mesmo percebesse ser Lúcia uma personagem fictícia. A adaptação e auto-organização necessárias no diálogo se tornaram essenciais para enquadrar as respostas necessárias a cada situação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estratégia discursiva utilizada pela polícia civil acompanha a necessidade cada vez maior de um posicionamento discursivo eficiente em todas as esferas comunicacionais. Perceber que a polícia fez uso de tal estratégia ao prender o traficante *Fumaça* pode ser um indício de que os órgãos policiais estão atentos a mudanças constantes nos processos de comunicação, que seguem um curso notório de execução pelo ambiente web. Para o investigador responsável, novas prisões podem e devem ocorrer utilizando-se a mesma ferramenta, a fim de acompanhar as evoluções tecnológicas que fazem parte do universo de todos os que têm acesso a estes dispositivos: cidadãos comuns, policiais e criminosos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão; revisão da tradução Marina Appenzeller. 3º Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Tradução Angela S. M. Corrêa. 2. ed. 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

GALLI, Fernanda Correa Silveira. **Linguagem da Internet: um meio de comunicação global**. Disponível em: <<http://www.contabeis.ufpe.br/nehete/artigos/Linguagem-Internet-Fernanda-Gali.pdf>>. Acesso em: 4 maio 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. TupyKurumin, 2006.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. **A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade**. – São Paulo: Paulus, 2010.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução de Ana Thorell; revisão técnica Cláudio Damacena. – 4. Ed. – Porto Alegre: Bookman, 2010.